

Grave Geral: análise discursiva de uma festa de rua como ato político no dia do trabalhador

Bass and Resistance: a discursive analysis of 'Grave Geral' as a political street party on workers' day

Tiago Carrer Silva¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

carrer.tk@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar uma publicação na rede social Instagram de um evento de festa de rua brasileira aclamado como Grave Geral, realizado pelo Coletivo Arruaça. A postagem do evento ressalta uma manifestação cultural sobre o Dia dos Trabalhadores ou 1.º de Maio, que, em sua descrição, faz uma crítica e denúncia da exploração trabalhista e dos direitos negligenciados à classe operária. A análise do evento foca na materialidade linguística e imagética da postagem de 2023 para investigar como o discurso se constrói, circula e mobiliza seu público-alvo. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem discursiva, com recorte focado nas interações entre as sequências imagéticas e as verbais nas postagens, observando suas regularidades e inconclusões, conforme os conceitos de memória discursiva e cadeia de significantes (Lagazzi, 2009; 2013), bem como os procedimentos analíticos do discurso (Courtine, 2009; Orlandi, 1999; Pêcheux, 2014). Além disso, mobilizam-se as noções teóricas de espaço urbano e corpografia urbana (Orlandi, 2001; Jacques, 2008) para compreensão da construção deste espaço no discurso e suas implicações políticas e sociais.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Dia do Trabalhador; Espaço urbano; Festa de rua.

ABSTRACT: This article aims to analyze an Instagram post promoting a Brazilian street party event called Grave Geral, organized by the collective Coletivo Arruaça. The post highlights a cultural manifestation on Workers' Day (May 1st), which, in its description, offers a critique and denunciation of labor exploitation and the disregard for workers' rights. The analysis of the event focuses on the linguistic and imagistic materiality of the 2023 post to investigate how discourse is constructed, circulates, and mobilizes its target audience. The study adopts a discursive approach, emphasizing the interaction between visual and verbal sequences in the post, while observing their patterns and open-endedness in line with the concepts of discursive memory and chains of signifiers (Lagazzi, 2009; 2013), as well as discourse analysis methodologies (Courtine, 2009; Orlandi, 1999; Pêcheux, 2014). Additionally, the article draws on theoretical notions of urban space and urban corpography (Orlandi, 2001; Jacques, 2008) to comprehend how its space is constructed through discourse and its political and social implications.

Keywords: Discourse Analysis; Street party; Urban space; Workers' Day.

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e graduado em licenciatura em Letras Português e Francês e suas respectivas literaturas pela UFRGS.

Introdução

As festas de rua desempenham um papel crucial na popularização das circulações identitárias e econômicas no Brasil. Manifestações culturais como o Carnaval, a roda de samba, a festa junina, o bumba meu boi, entre outras, assumem relevância como formas de expressão que se intercalam com o ato político. Em particular, uma festa de rua que se configura, de maneira expressiva, como um ato político é o *Grave Geral*. Esse evento resulta da criação do *Coletivo Arruaça*, um grupo de DJs renomados da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ao caracterizarmos esse evento como um ato político, enfatizamos o fato de que ele ocorre no Dia do Trabalhador, 1.º de maio. Nesse dia, o Coletivo organiza o evento a partir de uma vaquinha pública solidária², e o caráter político do evento está diretamente relacionado à sua idealização e ao público-alvo a que se destina.

O objetivo do Coletivo Arruaça é revitalizar os espaços urbanos, transformando-os em locais de ocupação para aqueles que não têm acesso a eles de maneira adequada. A escolha de realizar uma festa no Dia do Trabalhador também funciona como uma denúncia contra a espetacularização urbana e as condições precárias de vida dos trabalhadores. Enquanto lutamos pela redução da jornada de trabalho por meio de diversas formas de manifestação, o evento visa integrar protesto e lazer – uma dicotomia que, muitas vezes, não é reconhecida no senso comum –, com a festa servindo como uma expressão unitária das denúncias propostas. Para isso, analisaremos as condições de produção que tornam essa festa um protesto e como a ocupação urbana contribui para a construção de sentidos no âmbito da *Análise do Discurso Materialista* (AD).

O objetivo deste artigo é analisar e investigar as condições de produção das formas discursivas presentes na publicação do evento *Grave Geral 2023*³ (@coletivoarruaca, 2023). Para isso, seguimos com a análise da materialidade discursiva da postagem, considerando tanto o recurso verbal da chamada quanto os recursos visuais das imagens, investigando suas regularidades e as condições discursivas dentro do campo teórico da AD de Michel Pêcheux

² O Coletivo Arruaça é uma organização sem fins lucrativos, e as festas só se realizam graças ao apoio da comunidade. Cada edição do evento possui uma meta financeira destinada a cobrir os custos essenciais para sua realização, como banheiros, segurança, sistema de som, geradores, serviços de primeiros socorros, entre outros. Dessa forma, é o próprio público que destaca a importância de viabilizar o evento, contribuindo financeiramente para sua concretização.

³ A escolha específica da edição de 2023 baseia-se em dois motivos principais: o primeiro é que, nesta edição, eu, o autor, vivenciei meu primeiro evento do Grave Geral. Vale destacar a importância de incluir minha voz como referência na análise realizada, mesmo que a escrita do artigo seja apresentada de forma pluralizada (nós). O segundo motivo é que, devido às fortes chuvas e às breves chegadas das enchentes que afetaram o Rio Grande do Sul no início de maio de 2024, a edição daquele ano não pôde ser realizada nas ruas. Em razão disso, e conforme orientação da Defensoria Pública, o evento foi transferido para um local fechado.

(Courtine, 2009; Orlandi, 1999; Pêcheux, 2014). Além disso, em etapas anteriores, abordamos os conceitos de discurso urbanístico, que mobilizam os espaços públicos e os sentidos urbanos para a construção simbólica e discursiva dos sujeitos-agentes (Orlandi, 2001). Para isso, vamos iniciar a escrita do contexto histórico do Coletivo Arruaça e seu desenvolvimento primordial do evento Grave Geral.

O surgimento do Coletivo Arruaça e seus impactos urbanísticos em Grave Geral

O Coletivo Arruaça surgiu com o objetivo de ocupar e revitalizar o espaço público da cidade de Porto Alegre por meio de festas na rua sem fins lucrativos, trazendo uma nova perspectiva sobre o uso desses locais. Após o incidente da Boate Kiss, em 2013, as cidades do Rio Grande do Sul enfrentavam problemas relacionados à fiscalização de bares e casas noturnas, além de altos preços no setor, de acordo com o Diário de Santa Maria (2020). Por conseguinte, os membros do coletivo propuseram uma alternativa: criar festas gratuitas e acessíveis ao público nas ruas da cidade, sobretudo em locais que, normalmente, não seriam frequentados à noite por questões de segurança ou infraestrutura.

O objetivo do coletivo, para além de uma festa de rua, busca criar um senso de comunidade e pertencimento entre as pessoas que frequentam os eventos. Segundo José Augusto Castelan, redator do site Atalaj (2016), redija a experiência do Arruaça como espaço de convivência dentro das ruas. Um de seus questionamentos é: “*será que a rua é só um lugar de passagem?*”. Essa pergunta é norteadada por dois vieses: como esses lugares são vistos e como são utilizados no cotidiano urbano. Para isso, a música ao ar livre proporcionada por DJs, das vertentes do *house & techno*⁴, comove uma interação expressiva de pessoas como um vínculo social, cujos locais que antes eram negligenciados são uma transformação de resistência urbana.

Em diversas edições do evento da Arruaça, além das apresentações de músicas ao vivo, foram incluídos documentários e colaborações com grupos e artistas locais, bem como de outras cidades, sempre com o intuito de fomentar discussões sobre a cidade, a cultura e o papel do

⁴ *House* e *Techno* são dois estilos de música eletrônica, e ambos nasceram nas décadas de 1980 e 1990 nos Estados Unidos, sendo que o primeiro surgiu em Chicago e o segundo em Detroit. As principais características dos estilos são as repetições de batidas, o uso de sintetizadores e experimentação sonora. A cultura de ambas surgiu no berço das raves e clubes noturnos com peso afro-americano e latino. Ambas construíram suas bases de outros estilos: no *House*, vem como base ao *Soul Train* e *Disco* pelas influências culturais da discoteca *Studio 54*; no *Techno*, deriva pelos sintetizadores fortemente influenciados pela música eletrônica eurocêntrica, como da banda alemã *Kraftwerk*. O *Techno* tem raízes futurísticas de sonoridade mecânica e minimalista com as vertentes do *Funk* de uma textura sonora fria e hipnótica.

espaço público na dinâmica urbana. Um dos eventos mais emblemáticos é o Grave Geral, realizado anualmente no Dia do Trabalhador, 1.º de maio. Este evento faz uma analogia ao termo *Greve Geral*, refletindo o discurso da classe trabalhadora e operária. A festa ocorre como uma forma de celebração e denúncia das condições de vida dos trabalhadores brasileiros, especialmente no que tange às desigualdades perpetuadas pelo status quo da capital e ao sucateamento das manifestações culturais nos espaços públicos, os quais deveriam ser acessíveis a todos. O Grave Geral visa alcançar um público amplo, com ênfase nas gerações que cresceram nos anos 90 e 2000, oferecendo uma programação musical diversificada que inclui *hip hop*, *techno*, *house*, *funk*, *MPB*, entre outros gêneros populares. As edições do evento são realizadas em locais públicos, que se configuram como parte do cotidiano dos trabalhadores de Porto Alegre. Embora o evento tenha se iniciado em 2017, a edição de 2023⁵ se destaca por sua relevância e impacto na cena cultural e política da cidade.

Relação dos sentidos entre a cidade e o discurso (e da cidade para o discurso)

O espaço urbano configura-se como um ambiente carregado de múltiplos significados, que não se limitam à sua dimensão física, mas se estendem ao seu caráter linguístico e simbólico. Nesse sentido, a cidade é constituída por uma rede complexa de significantes que moldam as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais. Assim, as formas espaciais presentes na cidade funcionam como expressões dessas mudanças, além de, também, atuarem como agentes de reconfiguração e ressignificação desses processos, desempenhando um papel ativo na transformação contínua do tecido urbano.

Para Orlandi (2001), efetua-se o discurso urbanista que recorre à organização para simplificar a complexidade da ordem urbana⁶ (o real incontável), transformando-a em uma forma predeterminada e idealizada. Esse processo resulta na disseminação de um imaginário normativo da cidade, que, gradualmente, se incorpora ao senso comum, moldando a percepção e as expectativas da sociedade em relação ao espaço urbano. Para a autora, esse discurso assume, de maneira indiscriminada, formas jurídicas e políticas no âmbito administrativo-

⁵ Essa edição ocorreu no Centro Histórico de Porto Alegre, situado na rua Sete de Setembro, em frente à Casa de Cultura Mario Quintana.

⁶ Eni Orlandi (2001) diferencia as terminologias de *ordem* e de *organização* no discurso urbanista. Enquanto a primeira é um indicativo da materialidade da cidade, representando um espaço que requer significação, a segunda se refere às estratégias técnicas e administrativas adotadas pelos gestores urbanos para coordenar, sistematizar, regular e gerenciar esse espaço.

estatal. Trabalhar com uma língua, um sujeito e uma cidade uniforme implica, inevitavelmente, a supressão de outros sujeitos, outras línguas e outras cidades, que permanecem invisíveis em suas formas (Orlandi, 2001). Nesse sentido, consideramos fundamental criar condições que permitam que diferentes (e, muitas vezes, conflitantes) significantes se manifestem, compreendendo suas formulações e suas origens.

Imagem 1 - Rua Sete de Setembro (cotidiano x Grave Geral 2023)



Fonte: publicado no Jornal do Comércio (cotidiano)⁷ e no Instagram do Coletivo Arruaça (Grave Geral)⁸.

Ao comparar essas duas imagens, analisamos a construção de diferentes acepções para um mesmo espaço. Na primeira fotografia, o espaço é entendido dentro do contexto cotidiano de uma rua durante o horário comercial, em que os agentes estão em movimento, envolvidos com a produção laboral. Já na segunda imagem, o espaço é ocupado de forma a reivindicar o direito à cidade, com os agentes delimitando o uso de um local considerado “negligenciado” pelo Estado. Na tangência desse discurso, um olhar cartográfico se configura como uma análise eficaz das dinâmicas que envolvem a formação dos sujeitos em relação ao seu espaço. De acordo com Jacques (2008), o conceito de corpografia urbana estabelece uma relação de sentidos cartográficos entre a cidade e o corpo. Esse funcionamento cartográfico inscreve na memória física e experiencial dos seus habitantes uma cidade criada por um registro vivo das interações humanas com o ambiente coletivo. Essas corpografias surgem como expressões de resistência ao processo de espetacularização, o que reivindica também como uma crítica ao urbanismo contemporâneo, caracterizado por projetos homogeneizadores e espetaculares.

A ocupação de espaços contribui para a criação de novos sentidos de produção para estabelecer novos discursos sobre os percursos traçados. Deste modo, Orlandi (1999) conceitua

⁷ Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/geral/2022/09/857258-a-independencia-do-brasil-em-sete-lugares-de-porto-alegre-rua-7-de-setembro.html>.

⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CsY7PU9umrm/?img_index=1.

discurso como um processo que, alicerçado em relações de linguagem, atua na produção de efeitos de sentidos entre interlocutores. Logo, o discurso:

[...] não se trata da transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela História, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação (Orlandi, 1999, p. 21).

Celebrar espaços negligenciados implica discutir novas formações no campo da AD. O objetivo do recorte deste artigo é explorar a circulação de discursos que incentivem os sujeitos a reivindicar espaços que não lhes pertencem, tornando esse evento um reflexo da importância da luta contra a opressão advinda da espetacularização urbana e da garantia do direito à corpografia, reconhecida como o evento Grave Geral. Em tributo aos trabalhadores marginalizados pela cooperação e pela luta dos direitos à vida digna, a ocupação é um princípio para a construção de significantes, significados e sentidos no âmbito de um *acontecimento discursivo*⁹ (Pêcheux, 1990). Assim:

A Análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (Orlandi, 1999, p. 15).

Nessa seção, analisamos os efeitos de sentidos no procedimento discursivo entre sujeitos e cidade, estabelecendo uma ponte da teoria para prática na AD. Os recortes de um espaço urbano recrutam novos significantes e formações discursivas, configuradas pelas ações dos sujeitos agentes. Antes de prosseguir com as análises discursivas das postagens e o real-simbólico-imaginário do evento, é importante destacar os movimentos significativos do espaço em que, no discurso, a linguagem e a língua se entrelaçam por intermédio do urbanismo. Para além de uma crítica, os efeitos de sentido entre sujeito e cidade atribuem uma conotação ao evento Grave Geral, estabelecendo sua finalidade. Assim, nas próximas seções, discutiremos as questões analíticas do discurso, considerando como o evento, por seu efeito imaginário, convoca seu público-alvo e estabelece as condições de produção que a cidade de Porto Alegre oferece e pode vir a proporcionar.

⁹ Para Pêcheux (1990), o discurso deve ser compreendido como uma ruptura com a memória recorrente, que se dá por meio de interdiscursos. Dessa forma, o acontecimento discursivo não se resume à repetição do passado, mas implica um processo de ressignificação, em que o presente reinterpreta o passado à luz das novas condições de enunciação.

A metodologia de análise

A composição do corpus e a análise dos dados deste estudo seguiram as três etapas propostas para uma AD pecheutiana (Courtine, 2009; Orlandi, 1999; Pêcheux, 2014). A primeira etapa consiste na seleção da materialidade linguística a ser investigada com o objetivo de compreender seu conteúdo. Neste caso, as materialidades linguísticas selecionadas foram as postagens do evento Grave Geral: Edição 2023, com ênfase na descrição e nas imagens presentes nas postagens do Instagram.

Quadro 1 - Postagem da chamada Grave Geral 2023

1º de maio é dia das trabalhadora, trabalhador e trabalhadore desse Brasil! 1º de maio já é tradição, é Arruaça GRAVE GERAL 🔥

Foi em 2017 a primeira vez que festejamos o 1º de maio na rua com uma Arruaça. De lá pra cá só fortalecemos nossa aliança com o povo trabalhador de Porto Alegre ❤️

O primeiro de maio se tornou a data de luta internacional dos trabalhadores em razão de uma greve que rolou em Chicago no final do século XIX. Pra variar, a polícia matou e prendeu gente, mas os trabalhadores também resistiram. Na época se lutava por jornada de 8h, pois as pessoas eram obrigadas a trabalhar mais de 12h.

Hoje, mais de 100 anos depois, seguimos vendo pessoas sendo resgatadas de trabalho escravo e pessoas sendo submetidas a jornadas de 12h através da uberização do trabalho. Entregadores de aplicativos sofrem com jornadas massivas e sem direitos. Mas nem por isso deixam de lutar e festejar!

No Brasil o 1º de maio foi aparelhado pelo Getúlio, um bom e velho fascistinha, mas nos anos 1980 foi uma data muito importante na luta pela redemocratização e no movimento sindical do ABC.

Aqui, obviamente, sabemos muito bem que todo feriado é um ótimo motivo pra fazer festa, e o 1º de maio é tradicionalmente comemorado pelos trabalhadores, seja pra descansar no feridinho, seja pra fazer um festerê (azaaar) 😊

1º de maio de 2023 voltamos com nosso bonde na rua, GRAVE GERAL! E, graças ao esforço da galera, batemos nossa primeira meta! Já temos mais de 1k no cofrinho da Arruaça! Bora que só faltam 6 kkkkk

#1demaio #diadotrabalhador #diadotrabalho #arruaca #coletivoarruaca #festaderua #rolederua #ocupacaodosespacospublicos #direitoacidade

Fonte: @coletivoarruaca, Instagram.

Imagem 2 - Imagem da postagem



Fonte: @coletivoarruaca, Instagram¹⁰.

O *corpus* é composto por uma postagem em chamamento à festa Arruaça, Grave Geral, contendo 10 fotos e vídeos. A Imagem 2, por exemplo, remete a símbolos do anarquismo, como a Efigie da República, das cédulas brasileiras, com a máscara preta de grafia A (ou de Anarquia, ou de Arruaça). Essa analogia constrói viés em que a circulação de sentido retorna a uma luta de classes, cuja abolição das hierarquias e coerções do Estado e do Capitalismo se manifesta numa produtividade festiva. Consequentemente, a escolha de termos implícitos como “balburdiar” e “tumultuar” funciona como um gesto de retomada de sentidos historicamente estigmatizados, resignificando-os como táticas de ocupação. Numa linguagem interpelativa e digital, além das hashtags como promoção ao evento, notamos um vínculo entre a história e a atualidade (um movimento sincrônico e diacrônico) que as mídias sociais retratam para um desejo de ocupar esse espaço urbano marcado por processos de gentrificação. Isso, ocasionalmente, ocupa a instância que vinculamos à relação das imagens: todo o dizer está fadado pela história. O que nos impulsiona a este pensamento é que há uma relação inerente entre o passado e o presente na classe operária. Todas as imagens selecionadas pelo Coletivo Arruaça acarretam um valor histórico que desvendaremos ao longo das Sequências Discursivas, juntamente com a teoria da AD. A análise desta postagem demonstra como os sentidos são mobilizados sob o viés do materialismo histórico, em que a língua e a imagem se aglutinam em uma materialidade discursiva mista.

¹⁰ Todas as imagens durante as Sequências Discursivas são extraídas da postagem do evento. No momento, foi escolhida a folha de rosto do evento para compor a materialidade do *corpus*. Confere em: https://www.instagram.com/p/Cq5wd6ygS7w/?img_index=1.

Ao longo dessas sequências da postagem, a escolha dessas duas materialidades (escrito e imagético) parte da noção de recorte discursivo na cadeia de significantes que vincula o dispositivo analítico da memória. Lagazzi (2009), ao examinar a relação entre o visual e o verbal no documentário *Tereza*, enfatiza a importância de considerar o funcionamento discursivo no contexto da materialidade em análise, incluindo sua difusão e convergência. Para a autora, é fundamental entender que os elementos significantes não devem ser analisados de forma separada, mas, sim, como parte de uma cadeia de significantes, o que permite ao analista rastrear o movimento e a constituição do sentido ao longo do processo analítico. Ambas as materialidades estabelecem seus próprios sentidos, mas a interlocução entre os dois elementos promove novos funcionamentos e regularidades do discurso, como afirma Lagazzi: “Tanto o verbal quanto o visual se conjugam na inconclusão, e essa característica configura a regularidade da qual parto” (2009, p. 73). No caso da postagem, os elementos imagéticos e verbais mobilizam sentidos de inconclusão, possibilitando a construção de regularidades: *ocupar as ruas; direito trabalhista; festejar*.

A segunda etapa consiste na transição da materialidade linguística para as sequências discursivas. Ou seja, na seleção de trechos dessa materialidade que destacam as condições de produção dos sentidos, levando em consideração as circunstâncias imediatas da enunciação e o contexto social, histórico e ideológico. Nesta etapa, acionaremos os conceitos de *paráfrase*, *polissemia* e *interdiscurso*, os quais envolvem as possibilidades e impossibilidades de sentidos realizados perante a postagem do evento pelo desenvolvimento da publicação verbal, juntamente com os recursos visuais.

A terceira etapa consiste na transição das formações discursivas para a análise do processo discursivo, com o objetivo de evidenciar como as formações discursivas (regularidades de sentidos que podem ou não coincidir com os marcadores sociais das identidades dos sujeitos) se conectam às formações ideológicas ou ideologias (Althusser, 1998; Pêcheux, 2014) da festa.

Regularidade dos sentidos

Com a escolha do *corpus*, passamos à transição da materialidade linguística para as sequências discursivas, nas quais as condições de produção dos discursos começam a ser evidenciadas. Inicialmente, é importante destacar a entidade discursiva que se configura como uma forma de protesto, conforme observado na primeira sequência discursiva (SD):

Quadro 2 - Sequência Discursiva 1

SD1	“1º de maio é dia das trabalhadora, trabalhador e trabalhadore desse Brasil! 1º de maio já é tradição, é Arruaça GRAVE GERAL 🔥 Foi em 2017 a primeira vez que festejamos o 1º de maio na rua com uma Arruaça. De lá pra cá só fortalecemos nossa aliança com o povo trabalhador de Porto Alegre”
------------	--

Fonte: elaborado pelo autor.

A relação entre o evento e o Dia do Trabalhador constitui uma formação discursiva que reivindica a ocupação dos espaços públicos pela classe proletária, expressa no lema “Se é público, é de nós e para nós”. Essa frase sintetiza um *interdiscurso* que articula a luta pelo acesso e apropriação dos espaços urbanos como um direito do povo. Assim, a arte se apresenta como uma ferramenta fundamental para viabilizar a materialização desse protesto. No caso da SD1, em *De lá pra cá só fortalecemos nossa aliança com o povo trabalhador de Porto Alegre*, o discurso sinaliza a continuidade e o progresso do movimento, destacando a evolução e o fortalecimento da união com a classe trabalhadora ao longo do tempo. Em decorrência da análise, o evento institui uma rede de solidariedade ancorada em uma identidade coletiva que se redefine a cada edição. Ao tensionar a norma linguística através de marcas de inclusão – *trabalhadora, trabalhador e trabalhadore* –, o discurso performa o próprio sentido de público que defende, legitimando o Grave Geral como um espaço de resistência e ocupação política ativa.

Ao citar *o fortalecimento da aliança com o povo trabalhador de Porto Alegre*, o enunciado evoca um interdiscurso de resistência local, refletindo uma crítica implícita à marginalização dos trabalhadores e às desigualdades sociais e econômicas. Considerando que os discursos só adquirem sentido por meio de suas relações com outras instâncias do dizer, a postagem do evento Grave Geral constrói significados a partir de formações imaginárias que (re)produzem relações de força (Pêcheux, 2014). O objetivo da publicação é convocar e lutar por essas conquistas dentro de um evento de cortejo. Além disso, o uso de *festejamos* como sinônimo de *resistência e mobilização* revela uma combinação de elementos da cultura popular e da contestação. Esse movimento discursivo transforma a festa e a diversão em uma forma de contestação política, subvertendo a expectativa social de que o 1.º de maio seja um dia de descanso ou celebração descompromissada. O evento se configura como uma estratégia para reconstruir a percepção da festa popular e da rua como espaços políticos.

Ao mencionar o *1º de maio*, a SD1 evoca o interdiscurso relacionado às conquistas históricas da classe trabalhadora, especialmente a greve de Chicago em 1886, que resultou na luta pelo estabelecimento da jornada de 8 horas de trabalho¹¹. Deste modo, partiremos para as próximas sequências.

Quadro 3 - Sequências Discursivas 2 e 3

SD2	O primeiro de maio se tornou a data de luta internacional dos trabalhadores em razão de uma greve que rolou em Chicago no final do século XIX. Pra variar, a polícia matou e prendeu gente, mas os trabalhadores também resistiram. Na época se lutava por jornada de 8h, pois as pessoas eram obrigadas a trabalhar mais de 12h.
SD3	Hoje, mais de 100 anos depois, seguimos vendo pessoas sendo resgatadas de trabalho escravo e pessoas sendo submetidas a jornadas de 12h através da uberização do trabalho. Entregadores de aplicativos sofrem com jornadas massivas e sem direitos. Mas nem por isso deixam de lutar e festejar!

Fonte: elaborado pelo autor.

Eni Orlandi (1999), ao demarcar as noções discursivas, compreende que as condições de produção são atributos dos sujeitos e da situação. Quando relaciona as condições de produção ao discurso, faz com que a memória discursiva tenha seu papel fundamental para atribuir os sentidos do mesmo (p. 30). Além disso, comenta:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (Orlandi, 1999, p. 31).


As conquistas dos direitos trabalhistas são uma luta contínua entre o passado e o presente. No caso da SD2, redija as lutas abrasivas dos trabalhadores de Chicago para sair da jornada de 12h para 8h diária. Enquanto na SD3, no contexto atual, tais explorações ainda

¹¹ A manifestação de 1.º de maio de 1886 em Chicago foi um marco na luta por direitos trabalhistas, especialmente pela jornada de 8 horas, que mais tarde se tornaria um dos principais pilares das conquistas dos trabalhadores mundialmente. Além dessa demanda, exigiam também o descanso semanal remunerado e férias anuais, direitos trabalhistas ainda inexistentes. Os organizadores do movimento ficaram conhecidos como os Mártires de Chicago, e no monumento erguido em sua homenagem foi inscrito o seguinte epíteto: “Um dia, nosso silêncio será mais forte que as vozes que hoje vocês estrangulam”.

frisam nas condições dos trabalhadores, sobretudo à uberização. Aqui, conceitualizamos a noção de *paráfrase*, que representa o retorno aos mesmos espaços do dizer (Orlandi, 1999, p. 36). Nas duas sequências, ambas apresentam a paráfrase histórica com relação à luta de classe e à crítica do modelo capitalista. A greve de Chicago no século XIX se conecta com a exploração atual dos trabalhadores na economia de aplicativos, como o trabalho de entregadores, por meio de um sentido de continuidade da opressão, mas também de resistência. Por isso, a exploração dos trabalhadores de Chicago e da atualidade serve como uma paráfrase das condições de trabalho que continuam a existir, mesmo mais de 100 anos depois.

Em acréscimo, o verbo *lutar* aparece em ambas as sequências e reflete a resistência dos trabalhadores, embora essa resistência seja expressa de maneiras distintas nas duas SDs. A SD2 apresenta os trabalhadores como resistência à repressão, enquanto a SD3 os descreve como aqueles que continuam a *lutar e festejar*, sugerindo uma resistência que também se associa à celebração, acrescentando uma dimensão simbólica e cultural ao ato de resistir. Nesse recorte da cadeia de significantes, direcionamos a análise para duas SDs imagéticas também compartilhadas na postagem do evento.

Quadro 4 - Sequências Discursivas 4 e 5

SD4	
-----	--

¹² Fonte: postagem do evento Grave Geral <https://www.instagram.com/p/Cq5wd6ygS7w/?img_index=1>.



Fonte: elaborado pelo autor e imagens retiradas do @coletivoarruaca, Instagram.

Diante das sequências analisadas, observamos que a SD4 remete à SD2, enquanto a SD5 refere-se à SD3. As fotos foram retiradas da publicação do evento por duas épocas distintas. A SD4 proclama-se na rebelião de Chicago, conhecida como Revolta de Haymarket. Em 1.º de maio de 1886, uma série de protestos liderados pela classe operária em busca da redução da jornada de trabalho, movimento que culminou em confrontos decisivos. No registro dessa SD, retratamos, especificamente, o conflito de 4 de maio de 1886, quando uma bomba foi lançada contra policiais na praça de Haymarket. Esse episódio desencadeou tiroteios e uma violenta repressão que resultou na morte de trabalhadores e agentes da lei, fatos que imortalizaram a data e deram origem à celebração do Dia Internacional do Trabalhador.

Numa perspectiva diacrônica, a SD5 cria-se uma linha contínua de um marco histórico, a garantia de jornada de trabalho digna. Encontramos nessa imagem entregadores de aplicativos em protesto, configurando-se uma demanda de qualidade e respeito laboral. Nas imagens, o uso de máscaras situa o evento no período pandêmico da Covid-19, marcado pelo sucateamento de garantias trabalhistas; simultaneamente, a presença do adesivo do presidente Lula em meio às caixas de entrega adiciona efeito de sentido político à cena. Essa correlação reafirma a luta de classes como um processo ininterrupto, demonstrando que o proletariado contemporâneo, independentemente da roupagem tecnológica, mantém a resistência contra a precarização, refutando a exploração de sua jornada e a erosão de seus direitos fundamentais, como foi manifestado pelos trabalhadores de Chicago, em 1886.

Tanto o verbal quanto o visual colaboram na construção e unificação das relações de sentido associadas à luta e à classe trabalhadora. Conforme Orlandi (1999, p. 39), todo discurso

¹³ Fonte: postagem do evento Grave Geral: https://www.instagram.com/p/Cq5wd6ygS7w/?img_index=1.


deve ser entendido como parte de um processo discursivo mais amplo e contínuo, no qual não há um ponto de início ou término definitivos. Cada enunciado está intimamente conectado a outros enunciados, sejam eles imaginários ou concretos. As imagens, relacionadas às SDs 2 e 3, possuem uma significância sutil sobre as relações de sentido, as quais constituem uma formulação discursiva. Nesse contexto, Lagazzi (2015), ao criar as formulações visuais de *Boca de Lixo*, estabelece condições para que o *intradiscurso* se conecte aos efeitos de sentido gerados no visual. Para ela, “[...] o trabalho do acontecimento da estrutura na composição visual implica deslinearizar a imagem, atribuindo à memória discursiva seu papel fundamental na relação entre significante e história” (Lagazzi, 2015, p. 183). O *intradiscurso* não é visto como algo externo à linguagem, mas como condições de produção do discurso, ou seja, é o visível, o *já-dito*, aquilo que se encontra na superfície do discurso: sua própria materialidade. Orlandi (1999, p. 83) enfatiza que o ato de dizer se sustenta na memória discursiva; assim, “o interdiscurso determina o *intradiscurso*”.

A rebelião, enquanto marca discursiva, se manifesta nas SD4 e SD5, refletindo a continuidade da exploração dos trabalhadores, apesar dos avanços nas conquistas laborais. Os protestos de Chicago e os movimentos dos motoristas de aplicativos ilustram a atualização do que permanece *não-dito*. Se a luta e o protesto são condições necessárias para a melhoria das condições de trabalho, é contraditório afirmar simultaneamente “queremos nossos direitos e dignidade” e “continuarei trabalhando nessas condições”. O *não-dito*, aliado ao silêncio¹⁴, sublinha a ideia de que “para que haja melhoria, é preciso lutar para conquistá-la”. A relação entre protesto e rebeldia se insere no âmbito do *intradiscurso*, enquanto sua formulação origina-se do *interdiscurso*. Nesse sentido, “o que já foi dito, mas esquecido, exerce um efeito sobre o discurso que se atualiza em uma nova formulação” (Orlandi, 1993, p. 82-83). Além disso, a memória discursiva, influenciada pelo *intradiscurso* da SD5, configura-se como uma formulação que ressoa com o manifesto de Chicago. Seu lema de luta – “*Um dia, nosso silêncio será mais forte que as vozes que hoje vocês estrangulam*” – carrega uma profunda carga simbólica: embora haja repressão e silenciamento das vozes dos trabalhadores e oprimidos, um dia a força dessas vozes, representada pelo silêncio, será mais potente do que a opressão imposta. Isso implica que a resistência pode não ser imediata ou visível, mas sua força é duradoura e, eventualmente, prevalecerá sobre as tentativas de silenciamento e opressão.

¹⁴ Eni Orlandi, em *As formas do silêncio* (1993), estabelece uma relação entre o silêncio e o espaço de recuo essencial para a construção de significados, permitindo que o sentido se configure de maneira adequada. Embora o silêncio possa ser abordado sob diversas categorias, para a análise das SD4 e SD5, optamos por trabalhar com a categoria do *silêncio fundador*, o qual, como mencionado anteriormente, é responsável por conferir sentido ao ato de enunciar.

A memória discursiva, formulada na SD4, se entrelaça com a SD5, da mesma forma que ocorre entre a SD2 e a SD3. O que já foi dito impulsiona novas formulações discursivas, de modo a tornar perceptível o que é dizível e o que permanece no campo do não-dizível. Em outras palavras, a luta é contínua, sem um início, meio ou fim definidos. Novas condições de produção, voltadas para a luta pela vida e pelos direitos trabalhistas, exigem a recuperação do que foi esquecido, mas que persiste na memória discursiva.

Quadro 5 - Sequências discursivas 6 e 7

SD6	No Brasil o 1º de maio foi aparelhado pelo Getúlio, um bom e velho fascistinha, mas nos anos 1980 foi uma data muito importante na luta pela redemocratização e no movimento sindical do ABC.
SD7	

Fonte: elaborado pelo autor e imagens retiradas do @coletivoarruaca, Instagram.

Enquanto as demais SDs estabelecem a memória discursiva com base na luta pelos direitos trabalhistas, as SD6 e SD7 marcam um *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 1990), em que a história rompe com a normalidade, deslocando-a com os sentidos e a memória. Tanto o recurso verbal, da SD6, quanto o imagético, da SD7, corromperam a ideia de que nenhuma ação governamental foi por caridade ou por benevolência, mas um marco feito pelas trabalhadoras e trabalhadores, como alguns discursos dominantes fizeram de Getúlio Vargas como “o pai dos pobres”. No caso da SD7, por exemplo, a redemocratização dos direitos trabalhistas no período ditatorial brasileiro foi marcada pelo sindicalismo metalúrgico do ABC Paulista. Esse movimento criou, a partir do enfrentamento político e das greves durante o período da ditadura


¹⁵ Fonte: postagem do evento Grave Geral, disponível em https://www.instagram.com/p/Cq5wd6ygS7w/?img_index=1.

militar de 1964, condições para defender suas demandas econômicas na esfera pública, ao mesmo tempo em que se constituiu em uma força política no cenário nacional.

A transição entre o primeiro e o segundo momento discutidos (o período de Getúlio e os anos 1980) configura uma ruptura no significado atribuído ao Dia do Trabalhador. A ênfase na transformação dessa data, de um evento manipulado por um regime autoritário para um símbolo da luta pela redemocratização e pelo movimento sindical no ABC, revela uma mudança no contexto político e social do Brasil. A relação com o 1.º de Maio passa de uma ferramenta de controle político para um símbolo de resistência e conquista de direitos trabalhistas e democráticos, criando uma divisão entre as visões de opressão e emancipação popular.

No que diz respeito à revelação, a SD6, enquanto verbal, e a SD7, enquanto imagética, sinalizam uma ruptura significativa na conjuntura brasileira pelo feriado. A referência à postagem do evento Grave Geral não se vincula a um propósito estético, mas a uma nova formação discursiva de luta, associada a um novo significado para o feriado de 1.º de maio. Dessa forma, retomamos as últimas sequências discursivas para lembrar as condições de publicação do evento.

Quadro 6 - Sequências discursivas 8 e 9

SD8	Aqui, obviamente, sabemos muito bem que todo feriado é um ótimo motivo pra fazer festa, e o 1º de maio é tradicionalmente comemorado pelos trabalhadores, seja pra descansar no feridinho, seja pra fazer um festerê (azaaar) 🤪
SD9	

Fonte: elaborado pelo autor e imagem retirada do @coletivoarruaca, Instagram.

¹⁶ Fonte: postagem do evento Grave Geral, disponível em: https://www.instagram.com/p/Cq5wd6ygS7w/?img_index=1.

Ao retomar todas as possibilidades constitutivas e as relações discursivas entre as SDs 6/7 e as SDs 8/9, além de configurar um *acontecimento*, observa-se também um processo de metaforização; ou, nas palavras de Eni Orlandi, de *polissemia* (1999). Enquanto a paráfrase está inserida na matriz do sentido e da regularidade, a polissemia, por sua vez, refere-se à “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico” (Orlandi, 1999, p. 38). Nesse contexto, enquanto se desmembrava uma luta contínua por conquistas trabalhistas e resistência à opressão das corporações sindicais, a festa, com o propósito de *ocupar as ruas* pelo Coletivo Arruaça, estabelece o sentido de luta. Assim, *festejar* – como demonstrado na SD8, no Dia do Trabalhador, que foi amplamente despolitizado – sustenta novas condições para politizar o lazer, refletindo demandas dos trabalhadores que antes eram deixadas de serem expressas, até o anúncio do evento.

Ao ocupar as ruas, como demonstrado na SD9, evidenciam-se novos significados de resistência e comemoração na luta dos trabalhadores frente à luta de classes. O evento Grave Geral se configura como uma forma de resistência cultural que, além de reivindicar direitos, também oferece uma válvula de escape para aqueles que enfrentam as opressões cotidianas. Enquanto a *ordem* (Orlandi, 2001) parte da cidade como um efeito contrário às regularizações dos espaços públicos, a ocupação, no contexto do evento, se condiz como uma resposta de resiliência às corporações que não estão ao lado dos trabalhadores. Esse conflito transforma a cidade em um processo alienante, distanciando a classe operária do espaço a que pertence.

Por fim, nessa seção, abordamos as materialidades das sequências discursivas que estabeleceram as condições para a formação discursiva. Na seção seguinte, realizaremos uma análise dessas formações em relação às formações ideológicas que sustentam o processo discursivo do evento. O que trabalhamos nessa etapa refere-se à produção de sentidos atribuídos ao 1.º de maio no contexto da festa de rua, alinhado às teorias da AD (Courtine, 2009; Lagazzi, 2009; 2015; Orlandi, 1999; Pêcheux, 2014). Esses construtos discursivos, imediatamente, possibilitam, na próxima seção, a análise das formações discursivas no contexto do processo discursivo em questão.

Processo discursivo

Diante dessas formações discursivas e suas regularidades de sentido, um dos atributos que o discurso da publicação do evento percorre é o do *protesto*, o da *luta de classe* e o do *direito à cidade*. Quando pensamos em protesto, geralmente o associamos a uma marcha ou

caminhada, uma ação direta contra algo. No entanto, no caso do Coletivo Arruaça, foi estabelecido um outro dispositivo de mobilização social, que chamamos de festa. Cattani (2014, p. 53) define os protestos como “um rastilho de pólvora que provocaria a queda do governo”, apontando para uma polarização que, por um lado, identifica manifestações reacionárias vinculadas à classe média como uma conspiração direitista e, por outro, reconhece a existência de ações de caráter libertário e utópico. Ao transpor essa lente analítica para o evento, percebemos que a festa articula o protesto em uma dimensão híbrida. Assim, ao articularmos com o protesto, o evento reúne essas produções de luta em uma única dimensão, principalmente para a classe trabalhadora, que, diante da jornada exaustiva de 6x1, raramente dispõe de tempo para lazer e para se manifestar.

Lazer e luta são dois conceitos que, no senso comum, não se relacionam de maneira coesa. Para Marx (2004), o ser humano, no contexto da alienação, é despojado de sua essência, de modo que nem os produtos nem as habilidades técnicas desenvolvidas no trabalho retornam como uma forma de humanização para o próprio trabalhador. Além disso, enquanto essa alienação é um fator hegemônico na sociedade capitalista, o trabalhador não se realiza em sua prática laboral, pois “[...] ele antes nega a si mesmo, sente sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolve livremente suas energias mentais e físicas, mas fica fisicamente exausto e mentalmente deprimido” (Marx, 2004, p. 93). Esse espaço, embora fruto do trabalho do trabalhador, não “oferece” condições para sua permanência. No modelo capitalista, o lazer é reconfigurado como uma mercadoria; em vez de servir como regeneração para o trabalho, ele se apresenta como uma mercadoria fetichizada (Almeida, 2012).

No entanto, essa construção de sentido se insere em uma nova formação discursiva do Coletivo Arruaça. Como observamos nas SDs analisadas, a reparação histórica das lutas dos trabalhadores ainda se situa no espaço de repressão da oposição, sem considerar outras formas de protestar e descansar simultaneamente. Afinal, uma das maneiras pelas quais as ideologias se perpetuam é por meio da reprodução das relações de poder através da linguagem, que se configura como um dos principais mecanismos de sustentação dos aparelhos ideológicos do Estado (Althusser, 1998). Dessa forma, as posições discursivas que geram esses sentidos estão alinhadas às determinações econômicas e políticas (fundamentadas no modo de produção capitalista, ou seja, na luta de classes). Isso busca perpetuar as relações de desigualdade e subordinação; neste caso, as classes sociais (Althusser, 1998; Pêcheux, 2014).

O ato de ocupar as ruas e festejar também está vinculado à luta de classes. Embora o discurso se concentre em denunciar as desigualdades e reivindicar o direito à cidade, a classe dominante permanece no campo do não-dito. Ou seja, embora esteja presente como alvo do

protesto e da resistência cultural, a elite não é diretamente representada ou questionada nas falas, que se voltam prioritariamente para as classes trabalhadoras. Essa ausência da voz da elite não é casual; ela reflete uma formação ideológica que reforça a polarização entre oprimidos e opressores, ao destacar a luta e a resistência do povo sem confrontar diretamente os representantes da classe dominante (Althusser, 1998). Como analisado, as condições de produção dos direitos trabalhistas afetam principalmente aqueles que não pertencem à classe dominante. Essa exploração e alienação geram uma contradição fundamental entre as classes sociais, que se manifesta na luta de classes. O antagonismo de classe pode, portanto, ser expresso não só pela baixa moral dos trabalhadores, mas também por sabotagens, furtos menores e abusos individuais de trabalhadores por autoridades subordinadas, além do acúmulo de informações (Marx, 2023). Ao omitir a elite, o discurso fortalece a ideia de um coletivo unido pela causa comum, sem desviar a atenção para o alvo do protesto, criando uma narrativa de resistência em que a luta é do povo e contra as estruturas de poder estabelecidas.

Por fim, retornamos à noção de direito à cidade, que se estabelece no processo discursivo do Grave Geral. Conforme discutimos na segunda seção, a relevância do espaço urbano democratiza as condições para que aquele espaço seja usado e significado pelos sujeitos (Orlandi, 2001). Como vimos, a corpografia urbana (Jacques, 2008) vincula-se à retratação de uma memória física e experiencial de uma cidade. Assim, como propósito do evento, a arte e a música vinculam-se a uma memória física e urbana das ruas de Porto Alegre. Para Britto (2013),

A noção de ambiente urbano ganha um sentido mais temporal do que espacial, ressaltando o caráter transitório de suas configurações que se reorganizam continuamente e não correspondem a uma síntese apaziguada das relações vividas, mas a um estado constante de conflito entre forças contraditórias ativadas pelos processos interativos do corpo na cidade (Britto, 2013, p. 37).

Essa reconfiguração do espaço urbano, ao ser apropriada pelo Coletivo Arruaça para o evento, torna-se uma prática de resistência que atravessa a cidade como um espaço de disputa simbólica. O direito à cidade, sobre o qual se discute ao longo do artigo, envolve para além de um acesso físico à circulação urbana. Para Harvey, em *Justiça Social e Cidade* (2008), o geógrafo dispersa um elemento central, a partir da margem produtiva dos sentidos, sob múltiplas vozes que ecoam por justiça social e por luta de classes. A manifestação do coletivo subverte a interpretação puramente espacial da circulação urbana; ao invés disso, o movimento opera por meio de significantes que transcendem a infraestrutura física, elevando a ocupação a um gesto de afirmação política. No caso da festa, o evento torna-se uma afirmação desse direito, ao ocupar ruas e praças como um território de resistência. Desta forma, a classe trabalhadora,

historicamente marginalizada, reapropria-se do espaço urbano para reivindicar sua existência e sua dignidade.

Com isso, a apropriação do espaço urbano, a valorização do lazer como forma de resistência e a construção de uma nova narrativa sobre o 1.º de maio contribuem para a reconfiguração do significado dessa data no contexto contemporâneo. Esse movimento, ao questionar e transformar as relações de poder e as formas tradicionais de protesto, reafirma a importância da mobilização social e da resistência cultural como ferramentas essenciais na luta pela justiça social e pelos direitos dos trabalhadores. E, conforme a análise materialista deste discurso, reconhecer outras formas de circulação de sentido sobre o sujeito é fundamental para representar novas formas de atuação da luta de classe. Isso, em particularidade do analista – no caso, do autor do artigo –, retrata uma representação de uma memória coletiva em que “a minha existência é atividade social” (Marx, 2004, p. 140).

Considerações finais

O procedimento analítico realizado sobre o corpus estudado possibilitou a utilização de diversas dinâmicas e materiais metodológicos dentro do campo da AD. Constatamos a resistência do discurso espacial como elemento vinculado às condições produtivas da discursividade entre os sujeitos e a cidade. Ademais, a emergência de novos formatos sociais de protesto se torna evidente por meio da transição da memória discursiva (Orlandi, 1999) para o acontecimento discursivo (Pêcheux, 1990). A postagem desafiou outros parâmetros, entre a língua e a linguagem, com o objetivo de consolidar um discurso no qual, em uma publicação no Instagram, tais condições de produção sejam refletidas para viabilizar a realização do Grave Geral.

A festa, enquanto manifestação cultural, oferece uma contradição em relação ao modelo hegemônico de lazer imposto pelo sistema capitalista. Se, por um lado, o lazer é fetichizado e mercantilizado, tornando-se um produto consumido dentro dos limites do sistema de produção e consumo; por outro, a festa, nesse contexto específico, assume um caráter subversivo. Ela não é apenas um momento de descontração, mas de reconstituição da identidade coletiva dos trabalhadores e de resignificação do espaço urbano. A música, a dança e a arte, ao serem incorporadas ao evento, tornam-se elementos de luta, que expressam uma resistência cultural diante da opressão das estruturas sociais e econômicas.

Desta forma, uma das implicações desta análise sobre a festa de rua é a potência da AD de ampliar os sentidos políticos e sócio-históricos. A materialidade digital e a língua sincrônica da precarização linguística ampliam os conceitos da AD, em que sempre estão em movimento. Demonstramos, ao longo do artigo, uma linguagem em sua manifestação, em que o discurso está além do jurídico dominante, mas do popular e do coletivo. Falar de Análise do Discurso Materialista é dar voz àqueles que precisam ser ouvidos, uma vez que sua manifestação, sua rebelião se dá em formato de música, de cortejo e de comemoração.

Portanto, Grave Geral sempre se vincula à greve geral, configurando-se como um discurso de movimento social voltado à classe trabalhadora, que, edição após edição, ressignifica a luta sindicalista. Ao integrar a festa ao protesto contínuo, observaremos o que as próximas edições do Coletivo Arruaça nos reservam, em seu discurso constante, que transita entre a língua e a política, entre a língua e a luta de classes, entre a língua e a cidade, e entre a língua e o discurso.

Referências

ALMEIDA, Guenther C. F. de. Corpo em suas relações com o tempo livre e alienação: apontamentos iniciais. **EFDeportes.com**, Revista Digital, Buenos Aires, n. 165, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd165/corpo-tempo-livre-e-alienacao.htm>. Acesso em: 17 fev. 2025.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

ARRUAÇA, Coletivo (@coletivoarruaca). 2023. 1º de maio é dia das trabalhadora, trabalhador e trabalhadore desse Brasil! 1º de maio já é tradição, é Arruaça GRAVE GERAL. **Instagram**, 11 de abril de 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cq5wd6ygS7w/?img_index=1. Acesso em: 13 out. 2024.

BRITTO, Fabiana D. A ideia de Corpografia Urbana como pista de análise. **Redobra**, Salvador, EDUFBA, n. 12, 2013.

CATTANI, Antonio D. O significado dos protestos urbanos segundo o mainstream econômico. In: CATTANI, A. D. **#protestos: análises das ciências sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 53-61.

CASTELLAN, José A. Uma Arruaça toma conta de Porto Alegre. **Alataj**, Curitiba, 19 de set. de 2016. Disponível em: <https://alataj.com.br/troally/arruaca-poa>. Acesso em: 15 fev. 2025.

COMO as boates da cidade se reinventaram após a Kiss. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 22 de fev. de 2020. Disponível em:

https://diariosm.com.br/noticias/geral/como_as_boates_da_cidade_se_reinventaram_apos_a_kiss.459393. Acesso em: 15 fev. 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

JACQUES, Paola B. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, v. 8, 2008.

LAGAZZI, Suzy. Recorte significativo na memória. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. (orgs.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 67-78.

LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, G. B. et al. (orgs.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2015, p. 177-189.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Barueri: Carmelot Editora, 2023.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. São Paulo: Unicamp, 1993.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Cidades atravessadas**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

Recebido em: 25 de junho de 2025

Aceito em: 22 de abril de 2026